

LITERATURA MUDIÁTICA: A LITERATURA E O CINEMA NA SALA DE AULA¹

Milton Fernandes Jacinto Junior

RESUMO: O presente artigo visa esmiuçar de que maneira os meios de comunicação conhecidos como TIC- Tecnologia de Informação e Conhecimento, especificamente na relação entre a literatura e cinema, se configura na realidade contemporânea e de que forma influencia o processo de ensino e aprendizado em sala de aula.

Palavras-Chaves: MEDIATECA, Literatura, Cinema, Educação.

INTRODUÇÃO

No sentido estritamente etimológico da palavra, a literatura não ocorre sem a escrita. Ela é por definição, a arte das letras. Tanto que o termo literatura provém do latim “littera”, que significa “Letra” e/ou “Escrita”. Esta definição abrangia toda e qualquer manifestação da escrita. Com o passar do tempo, a literatura adquiriu uma série de características específicas, pelas quais acabou sendo conceituada como uma manifestação artística pela qual se reproduz em uma expressividade estética uma determinada visão de mundo de acordo com uma dada época histórica, social ou existencial humana. Deste modo, enquadrado nesta definição, a literatura deixa de estar restrita ao âmbito da “littera”,manuscrita ou impressa, e passa a integrar uma nova forma de produção de conhecimento chamada TIC- Tecnologias de Informação e Conhecimento, cujos exemplos são:a TV, a internet, os áudios-livro, os livros-eletrônicos (E-Books e Kindons) e o vídeo (Cinema, DVD e até o VHS, em algumas escolas). Desta forma, a literatura possui um par complementar com o vídeo cinematográfico e vice-versa, embora com estilos de linguagem totalmente diferenciados.

¹ Artigo apresentado à Faculdade Afirmativo/Prisma como requisito final para obtenção do título de especialista em Gestão Educacional, Orientação e Supervisão Escolar.

² Graduado em Letras pela UNIR – Universidade Federal de Rondônia

1. O ELEMENTO PÓS-MODERNO PRESENTE NA LITERATURA MIDIÁTICA.

O cinema (abreviação de "cinematógrafo", do francês cinématographe) é a técnica de projetar fotogramas (quadros) de forma rápida e sucessiva para criar a impressão de movimento, bem como a arte de se produzir obras estéticas, narrativas ou não, com esta técnica. Compreende-se, portanto, uma técnica, uma forma de comunicação, uma indústria e uma arte. Neste sentido, a literatura se interliga com o cinema principalmente pela relação entre arte e realidade. Em primeiro lugar, se insere a cultura de massa para, posteriormente, subvertê-la. Este conceito é próprio do elemento pós-moderno e/ou contemporâneo, pelo qual se cria algo novo a partir do velho de uma maneira crítica, porém sem saudosismo. Deste modo, não se deseja mudar a cultura de massa, mas desafiá-la. Isto é, tanto a literatura quanto o cinema insere e somente depois subverte seu envolvimento mimético (imitação da realidade) com o mundo. Um exemplo evidente de como este processo se estabelece, e que inevitavelmente acaba exercendo influência numa sala de aula, é a ampla produção cinematográfica do final do século XX e início do XXI de filmes de cunho historicista (Troia, Trezentos, Cruzada etc) e literário (O leitor, O estranho caso de Benjamin Button, Quem quer ser um milionário, todos concorrentes ao Oscar 2009), pelo qual nem se rejeita, nem aceita passivamente a tradição cultural ou até existencial humana do mundo moderno, mas a modifica, sem produzir o que pode ser chamado como “dor da ruptura” e o engajamento. Outra conceituação do pós-moderno estabelecido por este tipo específico de ficção literária e cinematográfica está na “eliminação da distância entre arte popular e arte da elite, distância esta ampliada pela cultura de massa”. (1988:40). Constata-se então, segundo o crítico e teórico literário Antônio Candido:

“Do Decênio de 70 (até os dias atuais) pode-se falar em verdadeira legitimação da pluralidade. Não se trata mais da coexistência pacífica das diversas modalidades de romance e conto, mas do desdobramento destes gêneros, que na verdade deixa de ser gênero, incorporando técnicas e linguagens nunca dantes imaginadas dentro de suas fronteiras. Resultam textos indefiníveis: romances que mais parecem reportagens, contos que não se distinguem de poemas ou crônicas, semeados de sinais e

fotomontagens; autobiografias com tonalidades e técnicas de romance; narrativas que são cenas de teatro (ou de cinema), textos feitos pela justaposição de recortes, documentos, lembranças e reflexões de toda sorte (...). Traço característico é vocação ficcional transferida para fora da escrita, indo levar a diversas artes o era substância restrita do conto e do romance: cinema, teatro, telenovela, internet, etc. É sabido que a ficção encontrou no cinema um excelente escoadouro, sobretudo a partir de “cinema novo” dos anos 50 e 60. (A NOVA NARRATIVA, 2000:209-210)

2. CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA MUDIÁTICA ATUAL

Percebe-se então, a partir deste trecho de Antônio Cândido, uma característica pós-moderna que predomina na relação filme/ texto: o hibridismo, ou seja, uma miscelânea (mistura) de gêneros artísticos provenientes de uma geração multimidiática que proporciona uma maior digitalização e transfiguração das fontes de produção cultural tais qual a música, a dança, o vídeo e a escrita artística, proporcionando uma maior democratização e diversificação de um discurso que se expresse diretamente ao público. Outras tendências características do panorama contemporâneo na literatura e no cinema são:

- Hiperealismo (Hipertexto)
- Linha midiática: principalmente em decorrência dos gêneros advindos do romance policial ou de suspense.
- Linha documentária: ocorre uma naturalização ou educação sentimental do cotidiano.
- Perfil autobiográfico: trata-se, em geral, de uma biografia romanceada.
- Adequação de velhas escolas ao discurso atual.
- Resgate da memória em busca de uma identidade existencial ou cultural.
- Fetichismo pelo cotidiano, em que ocorre um limite tênue entre ficção e realidade.
- Uma vertente literária que constrói motes para o cinema.
- Discurso pluralista: Maior preocupação com as condições das minorias discriminadas, por vezes de forma homoerótica ou feminista.
- Gêneros fluidores: o mesmo motivo (tema) em várias fontes: música, filme internet, livro.

- Fetichismo pela imagem.
- Metaficção historiográfica com utilização do recurso da memória.

3. Um Exemplo de Literatura Midiática Contemporânea

Uma análise do panorama pós-moderno pode ser compreendida por meio de um exemplo que foi abordado durante uma palestra proferida pela Doutora Lúcia C. M de Miranda Moreira no SELL- Seminário de Estudos Linguísticos e Literários, organizada pela UNIR-Universidade Federal de Rondônia, intitulada: As Malhas Narrativas, Musicais e Linguísticas em Os Maias de Eça de Queirós. De acordo com o relato da palestrante:

“Tanto a minissérie feita por Maria Adelaide Amaral quanto o romance homônimo de Eça de Queirós se combinaram de forma tão harmoniosa que era como se a própria autora (Maria Adelaide Amaral) estivesse de braços dados com o próprio Eça de Queirós caminhando pelas ruelas de Lisboa comentando sobre a obra enquanto Eça confirmava ou negava com seu leve aceno de cabeça e sorriso irônico”. (Discurso proferido no dia 08/10/2009 no auditório da ACIV)

Segundo a palestrante, o que fez com que tanto o vídeo quanto a obra literária se combinassem tão “harmoniosamente” são:

- Narrativa audiovisual, que se subdivide em:
- Narrador compartilhado (voz do narrador e do protagonista)
- Narração em “off”: Uma voz que comenta a narrativa (Raul Cortez)
- Trilha sonora (Efeitos sonoros e musicais)
- Movimento de câmera (ângulos de zoom, traveling, iluminação etc).

Considera-se, pois que a narrativa-minisérie “Os Maias” possui um narrador minucioso, onisciente e “queirosiano”, tal qual o estilo do escritor do romance. Para que ocorra uma adaptação de uma obra literária para o vídeo, uma obra precisa se adequar a linguagem pluralista do vídeo. No caso de Os Maias, uma das maneiras em que ocorreu esta adequação foi à transferência de outros personagens oriundos de outros romances de Eça de Queirós (A relíquia, O capital). Ex: Um dos amigos de Carlos da Maia, o protagonista, é o Teodoro, também conhecido como “Raposão” e protagonista no romance A relíquia (1887). Outros “indícios” de adaptação televisiva são:

- Os núcleos narrativos que agilizam a estória principal, dinamizando-as e tornando-a mais midiática.
- Tendência a síntese: selecionam-se os trechos mais relevantes do livro, resumindo-o para um filme ou TV.
- Linguagem audiovisual plurifacetada: configura um narrador onisciente e uma narrativa morosa e minuciosa, no caso de “Os Maias”
- A autora “saboreia” detalhes da paisagem lusitana vivida no século XIX.
- Valorização das expressões interpretativas dos atores, que revelam subjetividades não ditas.
- Paisagens suntuosas, luxuosa, porém amarelada, sombria, de entonação cinza-escuro, de tragédia pré-anunciada. Existe uma atmosfera de penumbra, de névoa, de algo gasto e decadente não somente na paisagem e cenário mais na melodia.
- Melodia que intensifica a tragédia, principalmente pelos fados portugueses *Madredeus, As Ilhas dos Açores, Haja o que houver, O pastor e Matinal*, todas músicas melancólicas, triste e de algo fúnebre que indica algo trágico e fatalista, o que culmina com a relação incestuosa entre os protagonistas.

4. Literatura Midiática: o Cinema e a Literatura em Sala de Aula

Até o presente momento, foi abordada a Literatura midiática a partir da perspectiva da literatura e suas características pós-modernas. Para concluir este trabalho, será apresentado o assunto a partir da perspectiva do cinema e do uso do vídeo como projeto educacional. No último tópico serão abordados os gêneros de cinema que podem ser utilizados em sala de aula.

Um filme cinematográfico se insere em um projeto artístico, cultural e de mercado; um objeto de cultura para ser consumido dentro da liberdade maior ou menor do mercado. (Almeida, 2001:07). Neste sentido, um filme não será produzido diretamente para uso didático em sala de aula, mas para a fruição estética da sala de projeção. Mesmo assim, devido a sua maior agilidade e facilidade de manuseio, basta uma TV com DVD ou Videocassete, um filme pode ser utilizado como elemento educacional pelo fato do cinema trabalhado em sala de aula auxiliar a escola e reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo pelo qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais ao mais “sofisticados e difíceis”, os filmes tem sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar. De acordo com Almeida Junior:

Embora o cinema já seja utilizado há algum tempo pelos professores, só mais recentemente estão surgindo algumas propostas mais sistematizadas que orientem o professor. Dentre estas propostas existe uma razoável bibliografia que tenta apontar um trabalho que não apenas incorpore o conteúdo, a “história do filme”, mas também seus elementos de performance (a construção dos personagens e os diálogos), linguagem (a montagem e os planos) e a composição cênica (figurino, cenário, trilha sonora e fotografia), de forma a ir muito além do “conteúdo” representado pelo filme. O significado de um texto/ filme é o todo, amálgama deste conjunto de pequenas partes, em que cada uma não é suficiente para explicá-lo, porém todas são necessários e cada uma só tem significação plena em relação a todas as outras. (ALMEIDA, M. 2001:29)

Desta forma, a utilização do cinema na educação:

(...)“ é importante porque traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativo da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes deteriorados, defasados (...) (ALMEIDA, 2001:48)

5. Os Vários Usos do Cinema sm Sala de Aula

O professor José Manuel Moran estabeleceu os usos inadequados do vídeo em sala de aula além de propostas de uma melhor utilização. Entre os usos inadequados estão:

- **Vídeo tapa-buraco:** colocar vídeo quando há um problema inesperado, como ausência do professor. Usar este expediente eventualmente pode ser útil, mas se for feito com frequência desvaloriza o uso do vídeo e o associa, na cabeça do aluno, a não ter aula.
- **Vídeo - enrolação:** exibir um vídeo sem muita ligação com a matéria. O aluno percebe que o vídeo é usado como forma de camuflar a aula. Pode concordar na hora, mas discorda do seu uso.
- **Video-deslumbramento:** o professor que acaba de descobrir o uso do vídeo costuma empolgar-se e passa vídeo em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes. O uso exagerado do vídeo diminui sua eficácia e empobrece as aulas.
- **Video-perfeição:** existem professores que questionam todos os vídeos possíveis porque possuem defeitos de informação e estéticos. Os vídeos que apresentam conceitos problemáticos podem ser usados para descobri-los, junto com os alunos, e questioná-los.
- **Só Vídeo:** Não é satisfatório didaticamente exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto da aula, sem voltar e mostra alguns momentos mais importantes.

Desta forma, existem três usos principais e adequados do cinema em sala de aula:

- **Vídeo-sensibilização:** um vídeo que desperta a curiosidade do aluno ao introduzir um novo assunto e o motiva para novos temas. Trata-se do vídeo que permite a reflexão e facilite o trabalho de pesquisa para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria.

- **Vídeo-ilustração:** vídeo que auxilia a mostrar o que se fala em aula e compor cenários desconhecidos para os alunos.
- **Vídeo-conteúdo didático:** vídeo que mostra determinado assunto de forma direta, quanto informa sobre um tema específico e orientando a sua interpretação (filme documentário) ou de forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares (temas transversais).

Os gêneros ficcionais do cinema. Uma tipologia.

As classificações por gêneros, da mesma forma que a literatura, possui a função de organizar estruturalmente o leque de ações do personagem e o desenvolvimento do roteiro, além de influenciar a receptividade da obra para com o público, sugerindo ao expectador com ser visto um determinado filme. Podem-se identificar quatro grandes gêneros, denominados metagêneros:

- **Drama:** os filmes de gênero dramático geralmente centram suas histórias em conflitos individuais, provocados por profundos problemas existenciais, sociais ou psicológicos, além do dissenso amoroso ou afetivo. Este gênero visa provocar efeitos emocionais intensos.
- **Comédia:** na comédia, as situações patéticas, seja de linguagem verbal ou peripécias que levam a mal-entendidos e envolvendo um ou mais personagens são narrados com intenção de provocar risos no público.
- **Aventura:** na aventura, o elemento que predomina é a ação envolvendo conflito físico, opondo o bem contra o mal, e narrada em ritmo veloz e encenando situações limites de risco ou morte. Os heróis tendem a encarnar valores ideológicos da cultura que produziu o filme. O objetivo é provocar efeitos físicos e sensoriais na platéia que acompanha as situações limite.
- **Suspense:** No suspense, mais importante do que a ação é a trama, o mistério a ser desvendado, as situações envolvendo peripécias não previstos pelo expectador. O termômetro é a tensão que o expectador experimenta ou o susto repetido do desenlace de determinada seqüência. Derivado deste gênero está o policial e o terror.

É interessante ressaltar que esses quatro gêneros- matrizes podem aparecer mescladas e se subdividir em gêneros mais específicos. Entre estes subgêneros estão: Western (banguê-banguê), ficção científica, aventura policial, drama romântico, drama existencial, drama psicológico, drama de guerra, aventura de guerra, comédia de costumes, comédia paródica, comédia romântica etc.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de puro entretenimento, o cinema representa um fantástico potencial de aprendizado para qualquer tipo de público. No entanto, apesar de haver completado cem anos em 1995, a escola o descobriu tardiamente. Isto ocorreu porque durante quase a primeira metade do século XX, considerou-se a maneira mais útil de abordar o cinema, para a criação e reflexão, como arte autônoma e pura. Atualmente, porém, os melhores filmes e os melhores roteiros decorrem implicitamente de sua total aceitação como algo esteticamente misturado, ambíguo e impuro. O cinema é tributário de todas as linguagens, artísticas ou não, sobretudo do teatro e da literatura em que se vincula. A história da arte cinematográfica poderia limitar-se ao tratamento de dois temas, a saber, o que o cinema deve ao teatro e o que deve a literatura. Pode-se então definir o cinema como teatro romanceado ou romance teatralizado. Teatro romanceado, porque, como no teatro, temos os personagens da ação encarnada em atores. Porém, em decorrência dos inúmeros recursos narrativos do cinema, tais personagens adquirem uma mobilidade e desenvoltura no tempo e no espaço equivalente aos personagens do romance. Torna-se então um romance teatralizado porque a reflexão crítica pode ser feita a partir do romance. O cinema seria pois, uma simbiose entre teatro e romance, ou, no caso específico deste trabalho, entre literatura e cinema, a literatura midiática, aplicada no espaço físico da midiateca para obter o entretenimento aliado á reflexão crítica dos alunos, temática devidamente explanada neste artigo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, MILTON J. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 2001.

AZZI, RIOLANDO. *Cinema e educação: orientação pedagógica e cultural de vídeos*. São Paulo: Paulinas, 1996.

ALMEIDA, CLAUDIO AGUIAR. *Sociedade e cultura no Brasil (1940-1968)*. São Paulo: Atual, 1996.

BELONI, MARIA LUIZA. *O que é mídia educação*. São Paulo: Autores associados, 2001.

CANDIDO, ANTÔNIO. *Educação pela noite e outros ensaios. A nova narrativa*. 3º Ed. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, ANTÔNIO. *Compreender o cinema*. São Paulo: Globo, 1989.

GOMES, PAULO EMÍLIO SALLES. *A personagem de ficção: a personagem cinematográfica*. Ed. 10º. São Paulo: Perspectiva, 2000

HUTCHEON, LINDA. *A poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

NAPOLITANO, MARCOS. *Como usar o cinema em sala de aula*. 4º Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KELLOGG, ROBERT & SCHOLLES, ROBERT. *A natureza da narrativa*. Tradutor: Gert Meyer; Revisor: Afrânio Coutinho. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1977.

REVISTA SCIENTIFIC MAGAZINE
www.scientificmagazine.com.br
ISSN: 2177-8574